

A EVA E A ALMA

Maria Paula Lamas

A Bíblia relata, no *Gênesis*, que a mulher foi criada por Deus, à semelhança do homem, para o acompanhar e auxiliar, completando-se um ao outro. O casal vivia tranquilamente no jardim do Éden, podendo usufruir de todos os seus prazeres, à exceção do fruto da árvore da vida, tal como fora determinado pelo Criador. Entretanto, a serpente, identificada com o Diabo, aproximou-se arditamente da Eva e convenceu-a a desrespeitar as ordens divinas, assegurando-lhe que não morreria e que ficaria detentora da razão. Perante tais argumentos, e, verificando que o fruto tinha um aspecto apetitoso, a Eva comeu-o e deu-o a provar ao marido, ficando os dois, a partir desse momento, conhecedores do Bem e do Mal. Como castigo da sua desobediência, ambos foram expulsos do Paraíso e condenados a viver penosamente, o mesmo acontecendo com todas as gerações vindouras. (Cf. Bíblia Sagrada, 1991: 19-20)

Este doloroso peregrinar na Terra vai ser apresentado simbolicamente por Gil Vicente, através da caminhada da protagonista do *Auto da Alma*.¹ Ao longo de toda a obra, o dramaturgo, alicerçado numa linguagem alegórica,² vai expondo as suas idéias, num encadeamento sucessivo de imagens, concretizando conceitos abstratos e tornando mais elucidativa a mensagem veiculada. Representando toda a Humanidade, surge a Alma, pecadora, trilhando arduamente os caminhos da vida, sendo esta viagem terrestre³ a consequência do er-

¹ «(...) o *Auto da Alma* é uma obra profundamente simbólica na qual, através de alegorias, se apresenta o esquema teológico da queda e redenção do Homem, da disputa da Alma entre o Bem e o Mal.» (Ana Paula Dias, 1999: 28)

² «Em literatura, entende-se por alegoria a descrição ou a ilustração de uma coisa em termos de outra, em textos de poesia, prosa ou drama, na forma de uma metáfora ou parábola alargada, que utilizem personagens ficcionais simbólicas.» (*Ibidem*)

³ «A viagem da vida era uma concepção generalizada na Cristandade e já comum no paganismo – viver equivalia a caminhar na estrada do tempo. S^o António afirmava nos seus sermões que «a vida é uma peregrinação ou viagem por terra estrangeira, entre o útero e o túmulo.» Através dos tempos, foi frequentemente encarada como um meio privilegiado (e também como um símbolo) de união espiritual com a divindade.» (*Ibidem*: 11)

ro de Eva e de Adão. Logo no início da peça, um dos Doutores da Igreja, Santo Agostinho, alerta para a fragilidade e para a fugacidade da vida, época probatória,⁴ recomendando a Igreja, como *pousada*, imprescindível na recuperação das almas:

(...)
Porque a humana transitória
natureza vai cansada
em várias calmas,
nesta carreira da glória
meritória,
foi necessário pousada
pera as almas. (*COPILAÇAM*, 1983: 175-176)

Oscilando no rumo a tomar, a Alma, a quem Deus concedeu o livre arbítrio, tem o poder de decisão, e, por esse motivo, é responsabilizada pelos seus atos, pelo que só alcançará a Salvação por mérito próprio.⁵ À semelhança da Eva, que foi tentada pela serpente, a Alma também é interceptada pelo Diabo que a seduz, através de astuciosas palavras:

O ouro pera que é,
e as pedras preciosas,
e brocados?
E as sedas pera quê?
Tende por fé,
que pera as almas mais ditosas
foram dadas. (*COPILAÇAM*, 1983: 184)

Completamente fascinada pelo luxo, a Alma momentaneamente esquece que o seu principal objetivo é alcançar o Céu, e entrega-se aos prazeres mundanos. Ao experimentar as requintadas jóias e os suntuosos vestidos cedidos pelo Diabo, a Alma cai na vaidade

⁴ «Nesta meditação do poeta, por ela ainda perfeitamente integrada na concepção medieval, a passagem na terra e seu tempo, em toda sua imperfeição e dor surge como preciosa, pois lugar único da possível obra a fazer, como plena realização do homem, e onde se decide uma opção, se constrói a vida futura: de danação ou salvação.» (Dália Pereira da Costa, 1989: 93).

⁵ «A contradição da Alma, que parte para uma viagem sem retorno, é afinal a de todos nós, do género humano. Dividida entre as forças opostas do Céu e do Inferno, aqui personificadas pelo Anjo e pelo Diabo, recebe ajuda de um e é tentada pelo outro. Em momentos de maior desânimo, parece que vai desistir. Mas esta dinâmica simbólica, este vaivém entre dois pólos, só adquirem pleno sentido pela introdução de um terceiro elemento, que é o da possibilidade de opção atrás referida – o «livre arbítrio.» (...)» (Ana Paula Dias, 1999: 21-22).

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

extrema, descurando o aspecto espiritual. Mas, tal como acontecera com a Eva, ao provar o fruto da árvore da ciência, a Alma também toma consciência do Bem e do Mal, e, refletindo sobre a sua atuação, recrimina-se, pois aspira à remissão das suas faltas:

Sou a triste, sem mezinha,
pecadora obstinada,
perfiosa;
pola triste culpa minha
mui mesquinha,
a todo o mal inclinada,
e deleitosa. (COPILAÇAM, 1983: 189)

Localizados em diferentes esferas, os mundos da Luz e das Trevas são intransponíveis, por conseguinte, os respectivos representantes nunca comunicam entre si, apesar de saberem da existência um do outro.⁶ No entanto, ambos permanecem continuamente junto da Alma,⁷ utilizando argumentos bastante convincentes, com o intuito de alcançarem os seus objetivos. Daí resulta uma dualidade comportamental, pois uma parte da Alma ambiciona dedicar-se aos prazeres da vida e a outra renuncia aos bens terrenos, por considerá-los frívolos e fugazes.

Como personagem adjuvante, o Anjo acompanha todos os passos da Alma, alertando-a para a necessidade de permanente purificação, dada a transitoriedade da vida, que, independentemente da idade de cada um, poderá acabar abrupta e inesperadamente:

Alma bem-aventurada,
dos Anjos tanto querida,
não durmais;
um ponto não esteis parada,
que a jornada
muito em breve é fenecida,

⁶ «O Diabo quer que a Alma esqueça que é o raio luminoso; e as jóias, vestidos e calçados de que lhe veste a figura são como pastas de sombra a tentar apagá-lo. (...). Por sua vez, o Anjo não discute as razões do Diabo: a discussão não é sequer concebível, porque os discursos de um e outro se desenvolvem em planos que se não encontram.» (António José Saraiva, 1992: 153)

⁷ «A Alma tem uma dupla natureza, antes de chegarmos ao âmago da sua vontade, isto é, da sua liberdade de opção. Há uma parte da Alma que se entende com o Diabo; este, conhecedor dos homens, consegue lançar a ponte (...). A outra parte da Alma é acessível ao reino luminoso de que o Anjo é o intérprete (...).» (*Ibidem*: 152-153)

se atentais. (*COPILAÇAM*, 1983: 177)

Por seu turno, o Diabo é seu oponente, e, sempre na esperança de ganhar mais uma alma, tenta dissuadi-la de seguir as orientações do Anjo, alegando que é nova e ainda tem muito tempo para se redimir dos seus erros. Esta posição é elucidativa das convicções cristãs que continuavam a imperar na época,⁸ pois inclusivamente o próprio Diabo, apesar de defender princípios opostos aos do Anjo, admite a existência de um Juízo Final e resultante absolvição ou perdição da alma, como testemunham as suas palavras:

(...)
Daí-vos, daí-vos a prazer,
que muitas horas há nos anos
que lá vêm.
Na hora que a morte vier,
como se quer,
se perdoam quantos danos
a alma tem. (*COPILAÇAM*, 1983: 187)

De acordo com o período de transição, à crescente apetência pelo materialismo, característica renascentista, simbolizada pelas falas do Diabo que apregoa as frivolidades terrenas,⁹ o dramaturgo contrapõe as crenças medievais, realçando e privilegiando o espiritualismo. Ao menosprezar os bens mundanos, Gil Vicente segue literalmente a Bíblia, como comprova a seguinte passagem:

Não acumuleis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os corromem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar. Acumulai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem os corromem nem os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar. Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração. (...) Ninguém pode servir a dois senhores, porque, ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. (Bíblia Sagrada, 1991: 1296)

⁸ «Gil Vicente surgirá como vero filho de sua época. (...) nela integrado, encarnando em si as suas ideias e crenças: mas nestas, em preferência as que esta época herdara daquela anterior, o fim da Idade Média.» (Dalila da Costa Pereira, 1989: 12)

⁹ «Efectivamente, para os epicuristas o bem supremo identificava-se com o prazer (tanto físico, como espiritual) e para se ser feliz era preciso viver de acordo com esse princípio (...). / No Renascimento, esta corrente filosófica foi amplamente recuperada e toda a argumentação do Diabo se estrutura nesta concepção: o problema da felicidade do Homem no mundo e da legitimidade da fruição dos bens terrenos, isenta de culpas.» (Ana Paula Dias, 1999: 19)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O teor deste excerto bíblico encontra eco nas palavras do Anjo vicentino, vigilante permanente da Alma. Este incansável guardião vai consciencializar a sua protegida sobre a prioridade da sua vida, a preservação do que é imortal no ser humano, a espiritualidade. O corpo, parte mortal, não é valorizado, assim como os objetos e prazeres mundanos, pois são fúteis e passageiros e permanecerão no seu lugar, ou seja, na Terra:

Ó Alma bem aconselhada,
que dais o seu a cujo é,
o da terra à terra:
agora ireis despejada
pola estrada,
porque vencestes com fé
forte guerra. (*COPILAÇAM*, 1983: 199)

Cansada da atribulada viagem,¹⁰ a Alma dirige-se à *pousada* recomendada por Santo Agostinho, a Santa Madre Igreja, onde recuperará as forças, de modo a prosseguir a sua viagem. De início, a Alma vai lavar-se simbolicamente com as próprias lágrimas, representativas do seu arrependimento e denunciadoras do processo de purificação. Esta passagem surge em sintonia com alguns excertos da Bíblia, como acontece, por exemplo, quando Jesus se encontra com uma samaritana e lhe diz que quem beber da Sua água, viverá para sempre. (Cf. Bíblia Sagrada, 1991: 1407) A Alma, à semelhança da samaritana, vai querer fortificar-se, através do alimento posto à sua disposição pela Igreja.

Em perfeita comunhão com a Fé Católica, Gil Vicente representa alegoricamente a Paixão do Senhor. Os Doutores da Igreja vão servir à Alma os manjares divinos, compostos pelas Iguarias significativas do sofrimento de Cristo, os *Açoutes*, a *Coroa de Espinhos*, os *Cravos* e o *Crucifixo*. Esta refeição celestial vai devolver-lhe a sua inicial imagem imaculada, possibilitando-lhe o regresso ao Paraíso,

¹⁰ «Se toda a existência e essência do Portugal contemporâneo de Gil Vicente, se processa peculiarmente, na acção, como Aventura, em viagens feitas no exterior, indo até aos confins do mundo desconhecido da terra, a obra do poeta áulico se processará, semelhantemente tal outra Aventura, mas na meditação – em viagens feitas no interior da alma, indo até seus confins desconhecidos, como fronteiras do divino. E semelhantemente, toda a sua obra será percorrida por uma tensão, de carácter finalista e providencialista, dinamicamente apontando para uma meta salvífica.» (Dália Pereira da Costa, 1989: 93)

pois o pecado da Eva é resgatado através do sofrimento de Jesus crucificado. Simbolicamente, à medida que se vai procedendo à reparação dos pecados, a Alma vai retirando os objetos que lhe foram fornecidos pelo Diabo. Esta atitude demonstra o seu repúdio pelos bens terrenos e a percepção da verdadeira razão da existência humana:

Com que forças, com que espírito,
te darei, triste, louvores,
que sou nada,
vendo-te, Deus infinito,
tão aflito,
padecendo tu as dores,
e eu culpada? (*COPILAÇAM*, 1983: 200)

Para I. S. Révah, a alegoria patente nesta peça vicentina provém da Parábola do Bom Samaritano, segundo S. Lucas. (Cf. I. S. Révah, 1949) De acordo com este testemunho, certo dia, um doutor de Lei dirigiu-se a Jesus, perguntando-lhe como poderia alcançar a Salvação, ao que lhe foi respondido que, acima de tudo, deveria amar verdadeiramente a Deus e ao próximo, como a si mesmo. De novo, o homem questionou Jesus, para que Este lhe explicasse o sentido dessas palavras. Para melhor compreensão, o Mestre recorreu à Parábola do Bom Samaritano, narrando que um homem foi assaltado, espancado e despojado dos seus bens, no caminho de Jerusalém para Jericó. Apesar de se encontrar num estado lastimável, passaram por ele um sacerdote e um levita, e, ignorando-o, continuaram despreocupadamente a sua viagem. Pelo contrário, um samaritano, ao chegar junto do pobre homem, viu o seu sofrimento e encheu-se de misericórdia. Resolveu, então, levá-lo para uma estalagem, onde seria tratado, para que pudesse prosseguir a caminhada, providenciando todas as despesas. Dos três homens, o sacerdote, o levita e o samaritano, só o último foi solidário, partilhando e atenuando a dor alheia, sendo este o exemplo concreto daquele que alcançaria a vida eterna. (Cf. Bíblia Sagrada, 1991: 1378)

Na realidade, esta parábola assemelha-se muito ao *Auto da Alma*, pois o caminho a percorrer, em ambos os casos, é a estrada da vida; o viajante é a Alma, identificada com todo o ser humano; os salteadores são os adjuvantes do Mal, representado pelo Diabo; a Estalagem, com o seu papel protetor e reparador, simboliza a Igreja, e o samaritano personifica Cristo.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Utilizando uma linguagem recheada de imagens, o autor concretiza conceitos abstratos, que, de outro modo, não seriam tão acessíveis à compreensão do vulgar cidadão quinhentista. A mensagem figurativa torna-se, por um lado, mais perceptível, sobretudo, através da incorporação do Bem e do Mal, respectivamente, nas personagens do Anjo e do Diabo, e, por outro lado, mais aliciante aos olhos do destinatário, resultando numa melhor apreensão do seu conteúdo.

A Alma vicentina encarna a Humanidade, e, como tal, está continuamente sujeita às tentações mundanas, no entanto, apesar das suas naturais oscilações, acaba por optar pelo imaterial. Com este desfecho, Gil Vicente suplanta o Mal com o Bem, invertendo as tendências da sua época, e, procurando, assim, contribuir para a alteração das mentalidades e conseqüente reparação dos costumes. Consciente da sua missão didática como escritor,¹¹ Gil Vicente, através do peregrinar da Alma rumo à Eternidade, veicula a intemporal mensagem de Jesus:

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim. (*Bíblia Sagrada*, 1991: 1425)

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA, 15ª ed., Lisboa: Difusora Bíblica, 1991.

COPILAÇAM DE TODALAS OBRAS DE GIL VICENTE, vol I, intr. de Maria Leonor Buesco. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

COSTA, Dalila Pereira da, *Gil Vicente e sua época*. Lisboa: Guimarães, 1989.

DIAS, Ana Paula, *Para uma leitura de Auto da Alma de Gil Vicente*. Lisboa: Presença, 1999.

¹¹ «Há nesta peça, pois, uma função marcadamente didáctica, à semelhança das narrativas de viagem imaginária análogas, talvez até a tentativa de torná-la um instrumento eficaz para a conversão dos fiéis espectadores e uma hipótese de correcção das suas vidas, pela antevisão da bem-aventurança que premiava os puros de corpo e espírito – só o homem que viver na religião poderá chegar ao Céu, onde a morte e a dor não têm lugar.» (Ana Paula Dias, 1999: 15)

RÉVAH, I. S., *Deux «Autos» de Gil Vicente restitués à leur auteur*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1949.

SARAIVA, António José, *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*. 4ª ed. Lisboa: Gradiva, 1992.

SILVA, Júlia Maria Sousa Alves da, *A Mulher em Gil Vicente*. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1995.

TEYSSIER, Paul, *Gil Vicente – o autor e a obra*. Trad. de Álvaro Salema. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

PRINCIPAIS ETAPAS DA CAMINHADA DA ALMA VICENTINA

